

***SOBRE A BREVIDADE DA VIDA*¹, UM MANUAL À SALVAÇÃO PELA FILOSOFIA**

Alexandre Sant'Ana de BRITO²

Não se encontra ninguém que queira dividir sua riqueza, mas a vida é distribuída entre muitos! São econômicos na preservação de seu patrimônio, mas desperdiçam o tempo, a única coisa que justificaria a avareza. (Lúcio Anneo Sêneca³)

... se as religiões se definem como doutrinas da salvação por um Outro, pela graça de Deus, as grandes filosofias poderiam ser definidas como doutrinas da salvação por si mesmo, sem a ajuda de Deus. (FERRY, 2010, p. 19)

São sumariadas reflexões em torno de dois aspectos da vida humana: a sua finitude e a compreensão de sua brevidade. O referencial teórico é a filosofia estoica (e epicurista) de Sêneca, por meio do seu tratado epistolar *Sobre a brevidade da vida*. O contexto histórico é o de Roma imperial, do século I d.C. A justificativa a estas notas é a atualidade da obra. Em último, esta resenha valoriza a filosofia como retaguarda e substrato de teorizações contemporâneas que sustentam análises de caráter psicossociológico e cultural sobre a morte e o morrer.

As dimensões teoria, ética e salvação são caras à filosofia, visto ser por meio delas que, sinergicamente, propõe e executa as suas reflexões (FERRY, 2010). A teoria refere ao conhecimento principiológico sobre as expressões da existência e seus pormenores. É o campo conceitual (*arché*) pelo que o amor (*philo*) ao conhecimento (*sophia*) ocasiona o desvelamento de fenômenos. Já a ética, nas suas expressões moral, jurídica e política, aproxima a teoria da práxis. E a salvação é o viver segundo, e *para além* das demais dimensões, pois “[...] ser sábio, por definição, não é amar ou querer ser amado, é

¹ Mesmo escrita há quase 2000 anos, *Sobre a brevidade da vida* ainda continua a alumiar questões atuais como a finitude da vida humana, aprendizagem, relacionamento e morte. Talvez, por se tratarem de temas universais, que são mais bem delineados quando de sociedades altamente organizadas como as poleis greco-romanas. Essa tradução de 2016 auxilia o estudo por prefaciá-la sobre a vida do filósofo e o gênero de escrita em carta. Além de trazer notas que facilitam a compreensão de termos e eventos segundo o seu tempo, prevenindo equívocos historiográficos.

² Graduação em História e Doutorado em Psicologia pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES).

³ Doravante Sêneca (2016).

simplesmente viver sabiamente, feliz e livre, na medida do possível, tendo enfim vencido os medos que a finitude despertou em nós” (FERRY, 2010, p. 27). Por essa perspectiva, quaisquer saberes formal ou informal, isto é, do mito à filosofia antiga, passando pela filosofia religiosa medieval, até o senso comum e Ciência contemporâneos, guardam a similitude sutil de oferecer alguma modalidade de *salvação* aos seus “confessionais”. Nesse diapasão, *Sobre a brevidade da vida* ocasiona potentes prescrições ao bem viver.

Já no início da Epístola ao amigo Paulino⁴, Sêneca se contrapõe a dois importantes pensadores: Hipócrates e Aristóteles. Ele adverte sobre a insensatez de tomarem como curto o tempo médio da vida humana. Essa concepção, comum em seu tempo (e no atual), envolve tanto os doutos quanto os leigos. Não há que se lamentar à *Physis*⁵ pelo curto tempo da existência humana. Senão considerar que, muito cedo, pode-se abandonar a vida. Para Sêneca, “[...] não temos exatamente uma vida curta, mas desperdiçamos uma grande parte dela” (SÊNECA, 2016, p. 26). Somos pródigos de tempo, desde que o empreguemos à realização de feitos importantes, e não o desperdicemos com luxos e indiferença.

À Sêneca não lhe cabe mais do que necessita ter e, ainda que tenha tido muito em riquezas e influência⁶, destaca a observância aos perigos dos vícios, como a ganância, a bebida, a inércia, a suscetibilidade à opinião alheia e a necessidade de lucro. E mesmo a fortuna!

[...] As riquezas são pesadas para muitos! A preocupação com a eloquência e a necessidade de mostrar talento tirou sangue de muitos! Outros enfraquecem devido a uma vida de libertinagens! Muitos possuem um grande número de clientes, mas nenhuma liberdade! Por fim, observa a todos, desde o mais simples aos mais poderosos. (SÊNECA, 2016, p. 29)

Que vida vale a pena ser vivida? E como esse tempo finito pode ser ampliado? Com efeito, os *tempos* mais danosos aos estoicos são os inexistentes, a saber: o passado e o futuro (FERRY, 2010). Esses tempos inspiram uma *esperança vazia*, uma vez que o homem se vincula ao melhor, ou pior do passado (o que gera nostalgia e culpa, respectivamente), ou se torna um visionário, já que se empenha às realizações futuras. Perde-se o presente, o *dever* nos

⁴ Esse gênero literário gera controvérsias, visto que a carta podia ter um destinatário fictício, que atuaria como mero facilitador da redação.

⁵ O termo grego *Physis*, cujo equivalente em latim é *natura* (natureza), melhor expressa a compreensão cósmica, greco-romana, do universo (CARVALHO, 2012).

⁶ Sêneca atuou como conselheiro na corte de Calígula e foi tutor e prestor de Nero. Ao filósofo a riqueza melhor aprove o sábio que a pobreza, ainda que ocasione o desafio de não se tornar indolente. Para mais informações, ver *Sobre a tranquilidade da alma*, de Sêneca.

deslocamentos temporais, nas queixas, ou na irreflexão, e, em geral, cuidando dos interesses alheios, que lhe são sempre externos. Isso não lhe autoriza que se volte a si mesmo numa atitude contemplativa. O *voltar-se a si mesmo* é abordado como chave à tranquilidade, porque, pela *vontade*, o homem pode eleger a que se dedicar.

O *desapego*⁷ se torna um caminho ao “divino”. Uma atitude filosófica que responde ao chamado da *Physis*, do *cosmos*, porquanto pelo *logos clássico* o homem pode – por sua natureza pensante – desfrutar da liberdade pela contemplação: o que lhe torna divino; ainda que continue mortal. O bem viver, nesses termos, é dedicar tempo ao constante aprendizado das coisas da vida e morte. Confere realçar que *teoria* advém do grego *to theion* (*o divino*) *orao* (*eu vejo*), isto é, vê a *Physis* em suas múltiplas expressões. A compreensão da finitude da e na vida está para a reflexão no e para o *agora*, transformando a situação (em que se vive) e a vontade (ao que se quer) em instrumentos de *sabedoria* e *salvação*. Contudo, a atitude vigente era (era?) a de se temer as coisas como mortais, mas de se desejar outras tantas como imortais (FERRY, 2010). Sêneca analisa esse paradoxo pelo conceito de *homem ocupado*, termo que reiteradamente emprega.

Ocupado tem a ver com se empenhar à execução de questões menores, supérfluas, que denunciariam a falta de virtude⁸ do homem. Aos homens ocupados, quer jovens ou idosos, a eles não lhes cabem nada além do espanto pela iminência da morte, uma vez que são surpreendidos com a vida que se lhes esgota, pois não a desfrutam momento a momento. Perdidos nos vícios, só se aperceberão do quanto a vida se apressa no seu final, p. ex., na velhice. “[...] assim é o caminho da vida, incessante e muito rápido, que, dormindo ou acordados, fazemos com um mesmo passo e que, aos ocupados, não é evidente, exceto quando chegam ao fim” (SÊNECA, 2016, p. 48).

Por essa razão, admoesta a Paulino a cuidar dos interesses próprios, dado que vinha se dedicando aos da República. Ao fim do tratado, Sêneca recomenda que o amigo – por ser versado nas *artes liberais*⁹ e possuidor de *vigorosa índole* – que se dedique às *coisas mais elevadas*, à filosofia, pois “[...] não faltarão homens de perfeita sobriedade e de laboriosa

⁷ Admite-se, neste caso, forte similitude dentre o estoicismo e o budismo (FERRY, 2010). Possivelmente, a expansão do império macedônico ao oriente extremo ocasionou essa absorção de valores orientais pelo ocidente antigo.

⁸ Virtude ao antigo não tem a ver com o ideal de isonomia contemporâneo, em muito devido aos valores cristãos. Virtude relaciona-se ao emprego adequado dos atributos naturais do homem, a despeito de isso ocasionar importantes assimetrias nas relações sociais. Por conseguinte, a alguns cabe a labuta, ou o governo, ou o livre pensar.

⁹ *Trivium* (gramática, retórica e lógica) e *quadrivium* (aritmética, geometria, música e astronomia).

atividade bem mais aptos a carregar pesos. Lentos os jumentos são mais capazes para o trabalho que os nobres cavalos [...]” (SÊNECA, 2016, p. 77).

Àquele que experimenta o *ócio*, é possível retomar o passado, pois viveu sua trajetória e dela não se ressentir, assim como aproximar o futuro, podendo realinhar as suas ações a partir do momento da vida que se vive. O mesmo não é possível aos ocupados, posto que não têm memória, história, somente descrições imprecisas do tempo em andamento. Aqui, tempo não é medida de extensão, senão qualidade, visto que “[...] por mais curta que seja [a vida], é mais que suficiente, de maneira que, ao chegar ao último dia, o homem sábio não hesitará em ir à morte com tranquilidade” (SÊNECA, 2016, p. 53).

Representações artísticas do cotidiano, chamadas *mimos*¹⁰, davam a conhecer as atitudes dos *homens ocupados*. Mesmo que implicados em seus afazeres, os nobres eram incapazes da autonomia de se vestir, de se deslocar e de se alimentar por eles próprios. Isso transformava a fortuna em desventura, por estarem antes a serviço das riquezas e exigências protocolares do que da sabedoria. Igualmente, os estudos poderiam ocasionar perigos, como a literatura¹¹ e a poesia¹², uma vez que a erudição meramente livresca, ou o romantismo envolvendo saberes míticos, ratificava equívocos analíticos e bajulação política, bem como o enfado dos ouvintes! Ao fim, em nada contribuíam ao aprimoramento da generosidade, coragem e justiça.

Os *legítimos ociosos* – e genuinamente ocupados, por se darem ao correto uso do tempo – eram os filósofos, razão pela qual Sêneca questiona: “[...] por que não nos afastarmos da estreita e pequena passagem do tempo e nos entregarmos com todo o nosso espírito ao que é ilimitado, eterno e dividido com os melhores?” (SÊNECA, 2016, p. 65). A sabedoria e o conhecimento habitam o eterno, visto que expressam essências da *Physis*. E se os heróis poderiam alcançar a eternidade pela grandiosidade dos seus feitos, os filósofos igualmente

¹⁰ Curta declamação ou encenação de cenas do cotidiano. É uma arte possivelmente originária de colônias gregas do Sul da Itália.

¹¹ Sêneca somente valorava a filosofia, vendo no estudo da literatura uma atividade inútil, e mesmo perigosa. O seguinte trecho revela a sua crítica ao que poderia ser chamada, hoje, de história positivista, isso é, dos grandes feitos e personagens: “Este foi um legado dos gregos, procurar saber quantos remadores tinha Ulisses, e se a Ilíada ou a Odisseia que foi escrita primeiro [...]. Eis que essa paixão de aprender coisas inúteis tomou conta dos romanos. Há alguns dias, ouvi alguém contando qual foi o primeiro dos comandantes a realizar algumas ações, tais como: Dúlio foi o primeiro a vencer uma batalha naval [...]” (SÊNECA, 2016, p. 59-60).

¹² Desde Platão a poesia era mal vista. No trecho, Sêneca mostra-se igualmente crítico. Deve-se realçar que, ao longo da antiguidade greco-romana, a Filosofia teve que rivalizar com formas míticas de explicação da realidade. “[...] talvez daí resulte o delírio dos poetas que alimentam os erros dos homens com histórias nas quais se mostra Júpiter, embevecido pelo desejo do coito, duplicando a duração da noite. De que se trata, senão de exaltar os vícios, já que os encontramos nos deuses e vemos na divindade um exemplo de fraqueza?” (SÊNECA, 2016, p. 71).

pela expressão dos seus escritos. Ao que se acresce ser a devida compreensão da *Physis* um meio de se evitar o sofrimento, posto que a observação das *coisas da vida*, como a morte, poupa o sábio de ser surpreendido pelos eventos desagradáveis. (SÊNECA, 2016; FERRY, 2010).

Na *contemplação*, o homem poderia obter a sua *salvação pela filosofia*, deixando de ser um fantoche das *Moiras* (destino) ou da irracionalidade do vulgo. Ainda que a sociedade greco-romana fosse aristocrática (FERRY, 2012), o que limitava o acesso de todos os cidadãos à vida pública e às escolas filosóficas, de todo, isso não era impeditivo para se alcançar o conhecimento, já que a escolha de se *emancipar dos apegos*, e de se colocar à serviço do conhecimento, era um ato possível a qualquer um.

... Costumamos dizer que não está em nosso poder escolher os pais que o destino nos deu; porém podemos ter um nascimento de acordo com nossa escolha. Há famílias dos mais nobres espíritos, basta escolher a qual delas desejas pertencer e receberás não apenas o nome, mas também os bens, os quais não precisarás vigiar de forma miserável e mesquinha, pois quanto mais forem compartilhados, maiores se tornarão. (SÊNECA, 2016, p. 68)

Sobre a brevidade da vida é uma obra que enuncia como homens da pólis romana poderiam se proporcionar a *redenção* dos dissabores da vida. Entretanto, demonstra o seu classismo ao permitir que se estabeleçam nítidas analogias com a contemporaneidade urbana e ocidental. Roma, que experimentou enorme ascensão geopolítica e econômica e cultural, no mundo antigo, também experimentou influências contrastantes entre o *vulgo* e a *filosofia* – à guisa do que se nos passa hoje. O esforço do filósofo toca em essenciais da filosofia e da Ciência, de outrora e de hoje, ao permitir se observar que os valores que valem são aqueles a orientar a sociedade. Por isso, ao não se reservar tempo à compreensão das bases conceituais que norteiam a Ciência, o cientista contemporâneo pode se equivocar nas inferências aos fenômenos sociais.

A insurgência atual às questões de morte e morrer são evidenciadas nos exageros do uso de cosméticos e remédios e atendem a princípios dum tempo em que se busca a salvação das dores do viver não pela compreensão da fugacidade dos prazeres, ou das ocorrências denominadas lancinantes (tais que a morte ou adoecimento dum ente querido, ou o fim duma relação amorosa). Senão pela analgesia química ou ideológica da percepção: falácias já denunciadas por Nietzsche (2016), na segunda metade do XIX, com o seu (profeta) Zaratustra.

Chamo mau e desumano a isso: a todo esse ensinamento do único, do pleno, do imóvel, do saciado, do imutável. O imutável é apenas um símbolo! E os poetas mentem demais. As melhores parábolas devem falar do tempo e do acontecer; devem ser um elogio e uma justificação de tudo o que é perecível. Criar é uma grande emancipação da dor e do alívio da vida; mas para o criador existir são necessárias muitas dores e transformações (2016, p. 95).

A despeito de a episteme greco-romana ser ingênua, porquanto *essencialista* (realismo), teve grande mérito de inovação ao posicionar a potência criativa e emancipatória e compreensiva do mundo no *logos* (razão/pensamento), e não mais em forças exteriores ao homem. Hoje, *verdades absolutas* não são mais aceitas facilmente – pois o novo método científico prima pelo controle e verificação de hipóteses – o que torna imperativo o alinhamento de teoria e práxis em ciências.

A Filosofia e a Ciência em nada diferem da Religião quando da *salvação* dos seus seguidores, visto que os medos essenciais da humanidade estão relacionados à finitude, e *contra* ela temos desenvolvido tecnologias. Por isso, os estudos tanatológicos devem estar na vanguarda das meta-teorizações, já que os valores sociais contemporâneos são dinâmicos e engendram significados polissêmicos às práticas sociais. Essa cautela tornaria os princípios científicos atualizáveis, e a investida de salvação devido à morte real ou simbólica mais factível, em tempos que a perda da juventude se tornou uma patologia e a longevidade (imortalidade?) um mito científico.

Referências

CARVALHO, I. C. M. *Educação ambiental: a formação do sujeito ecológico*. 6ª. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

FERRY, L. *Aprender a viver*. 2ª. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

NIETZSCHE, F. *Assim falava Zarathustra*. Trad. J. M. Souza. Edição especial. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

SÊNECA, L. A. *Sobre a brevidade da vida*. Trad. L. S. Rebello, E. I. N. Vranas e G. N. Macedo. Porto Alegre: L&PM, 2016.